

CONFLUÊNCIAS ENTRE CINEMA E ENSINO: reflexões mediadas por Mikhail Bakhtin, Darcy Ribeiro e Paulo Freire

CONFLUENCES BETWEEN CINEMA AND TEACHING: reflections mediated by Mikhail Bakhtin, Darcy Ribeiro and Paulo Freire

CONFLUENCIAS ENTRE CINE Y ENSEÑANZA: reflexiones mediadas por Mikhail Bakhtin, Darcy Ribeiro y Paulo Freire

 Carolina Cavalcanti Bezerra¹

 Laércia Maria Bertulino de Medeiros²



SOUZA, F. M.; SOARES, M. B. **Confluências entre cinema e ensino: reflexões mediadas por Mikhail Bakhtin, Darcy Ribeiro e Paulo Freire.** São Paulo: Mentis Abertas, 2020, 114p.

<https://mentisabertas.minhalo.jano.uol.com.br/produto/310189/confluencias-entre-cinema-e-ensino-reflexoes-med>

1. Possui graduação em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-CAMPINAS/1997), Mestre em Educação na área de concentração "Educação, Conhecimento, Linguagem e Arte" pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP/2008) e Especialista em Novas Tecnologias na Educação pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB/2010). Graduada em Licenciatura em Filosofia (2021), também pela UEPB. Pesquisadora na área de Educação, Educação a Distância e suas múltiplas linguagens, Cinema e formação de professores. E-mail: carol.cavalcanti.bezerra@gmail.com.
2. Possui graduação em Licenciatura em Psicologia pela Universidade Estadual da Paraíba (1991), graduação e Habilitação na Formação de Psicólogo pela Universidade Estadual da Paraíba (1992), Mestrado Interdisciplinar em Ciências da Sociedade pela Universidade Estadual da Paraíba (2002) e Doutorado em Ensino, Filosofia e História das Ciências pela Universidade Federal da Bahia (2012). Tem experiência na ênfase em Psicologia da Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: epistemologia, professores formadores, ensino e aprendizagem. E-mail: laercia.medeiros@gmail.com.

Recebido em: 12/03/2021

Aprovado em: 10/04/2021



Todo o conteúdo deste periódico está licenciado com uma licença Creative Commons (CC BY-NC-ND 4.0 Internacional), exceto onde está indicado o contrário.

A segunda impressão do livro *Confluências entre cinema e ensino: reflexões mediadas por Mikhail Bakhtin, Darcy Ribeiro e Paulo Freire* (da editora Mentis Abertas) chegou em nossas mãos agora em março de 2021. Com a incumbência de resenhá-lo, essa tarefa não nos parece difícil ou desagradável, pois a sétima arte faz parte de nossa vida acadêmica há alguns anos, como material referencial ou fonte para ilustração dos mais diversos conceitos que envolvem as áreas da Educação, Psicologia, História, Sociologia, entre tantas outras. O cinema, para nós, parece ser a ferramenta que melhor colabora atualmente com a aprendizagem de nossos estudantes que são fortemente ligados às tecnologias e imagens.

A impressão atual traz dois novos artigos que prefaciam à obra aos seus leitores. O primeiro, com o título *Alteridade como construção de mundos e o cinema como promotor de diálogos*, faz uma leitura do que vem adiante relacionando a sétima arte aos conceitos bakhtinianos de alteridade, dialogismo e polifonia. O segundo, *Cinema e educação: o local da sétima arte no processo de ensino-aprendizagem*, olha para as relações cinematográficas propostas no livro, como processos de construção do olhar de quem assiste aos filmes, espectadores, mas também do olhar do professor para o uso da sétima arte nos espaços educativos.

O *Capítulo 1 – Reflexões mediadas pelo cinema* introduz a discussão sobre o cinema como ferramenta, artefato mediador de uma construção social. Ou seja, o cinema não é e não pode ser mais considerado apenas como “substantivo masculino” que objetifica seus personagens, cenários e roteiro. A partir daqui o cinema deve ser considerado como um meio de representação da cultura de uma sociedade, aquela apresentada na tela.

Também nesse capítulo há um historicização importante sobre o surgimento do cinema até sua operacionalização como conhecemos hoje, com inúmeros recursos e meios de transmissão, dando ao cinema o *status* de arte e à arte, como algo necessário para a sobrevivência humana. Não há um povo sem sua arte.

Sequencialmente, o capítulo aborda a importância do cinema como ferramenta educativa nas escolas, e ao propor o mesmo como campo de pesquisa, não mais, apenas, como lazer ou ferramenta de ensino, mas como fonte de pesquisa, alça a sétima arte a um novo patamar: a das discussões filosóficas e sociológicas no meio acadêmico.

Por fim, apresenta o cineclube como uma possibilidade de acesso à produção cinematográfica, desviando-se do eixo temático das produções hollywoodianas e trazendo à luz as produções que mais poderiam contribuir para o aprendizado dos estudantes.

Por uma Pedagogia da Alteridade é o título do capítulo 2 que tem como arcabouço teórico Mikhail Bakhtin e o conceito de alteridade se contrapondo com as relações (ou não) comunicativas entre um argentino ranzinza e um chinês perdido em Buenos Aires. O filme de 2011 é *Um Conto Chinês*, produção argentina, que narra o breve relacionamento entre as personagens que mal se comunicam devido à barreira

linguística imposta pelas distintas nacionalidades. Mas, além da barreira da língua, há também a ausência da interação social que move, comumente, às relações sociais.

A personagem argentina, ao mesmo tempo que se esforça para se livrar do chinês, não impõe a si o mesmo esforço para facilitar o diálogo com o asiático, inclusive lhe impondo situações de constrangimento e de estereotipização, simbólicas aos preconceituosos que transbordam no atual mundo globalizado, onde estar fora do seu nicho, pode se seguir de inúmeras condições negativas à sobrevivência.

A não completude - do copo mais cheio do que vazio - entre os sujeitos, opiniões e compreensões distintas, reforça a marca identitária de cada um, mas a interação social inexistente, onde eu apenas existo a partir do outro, para Bakhtin, deixa de ocorrer quando não há preocupação “na” e “com a” relação dialógica, ou seja, com a existência do outro. É o que o filme sintetiza.

No terceiro capítulo *A análise riberiana da Educação na formação do povo brasileiro*, nos é introduzido pelos autores a temática da formação do povo brasileiro a partir do olhar do antropólogo e sociólogo Darcy Ribeiro. Ribeiro historiciza, em suas obras, que a miscigenação do povo brasileiro – índios, negros e portugueses – sempre foi parte de uma construção identitária nacional proposital.

Essa “construção do caráter nacional” reforça nossa existência enquanto povo brasileiro originário dessa miscigenação, mas também evidencia a não aceitação do outro como parte dessa formação social, o que Darcy Ribeiro chamou de “miopia social”.

Esse ser ou não ser, fazer ou não parte de um povo nessa leitura realizada pelos autores, transborda às relações de poder que se sustentam até hoje. E aqui, brevemente, a questão religiosa é caracterizada como ferramenta de dominação e submissão de um povo, ao qual o filósofo alemão Friedrich Nietzsche denominou enquanto discurso religioso panfletário de “moral de rebanho”. Dito isso, se torna extremamente fácil relacionar essa leitura com a nossa atualidade no Brasil, inferindo e refletindo sobre a miopia de um povo que caminha em bando conduzido por um pretense messias.

Um português desembarca no Brasil e ao se deparar com uma índia, começa a travar diálogos que poderiam beirar ao ridículo, mas que na verdade, conforme aponta Paulo Freire, são maneiras distintas de se fazer compreender que devem ser vistas como processos educativos. *Caramuru: a pedagogia da inventividade e a educação libertadora* apresenta ao leitor, os vários significados e compreensões que as palavras podem ter, enquanto signos de algo que para mim podem ter uma significação e para você outra. O que para os índios é uma fruta, para portugueses é uma peça de roupa.

As dificuldades linguísticas são superadas pelo amor que vai surgindo entre os dois e na forma como ambos, e obviamente o diretor do filme, conduzem o desenrolar da trama através do respeito mútuo pela língua *mater* tupiniquim e pela portuguesa.

A dialogicidade entre as personagens, a paixão pelas letras que formam palavras, depois frases que constroem significados, do universo dos livros descobertos pela índia brasileira, remetem ao caráter reflexivo gerado pelas primeiras descobertas das definições contrárias, mas nem sempre contraditórias, dos usos e compreensões da língua portuguesa. A educação deixa de ser bancária quando nem tudo é nos dado como definitivo. Aqui, o processo de reflexão proposto por Freire se sustenta.

Por fim, o capítulo 5, *Central do Brasil: Dora e as Distorções da antipedagógica* vai, a partir do encontro de um garoto com uma professora aposentada que escreve cartas na Central do Brasil, no Rio de Janeiro, conduzir o olhar do espectador para o papel da pessoa que deve educar, mesmo que por linhas tortas, alguém que menos sabe da vida do que ela.

O filme é cercado de reviravoltas em seu roteiro, onde o Bem e o Mal estão em constante embate. Freire é mais uma vez o escolhido para reconduzir nosso olhar. E suas falas reforçam o lugar do professor e o lugar do aprendente, onde o saber não está apenas em um indivíduo, mas também no Outro.

O artigo faz, também, uma leitura filosófica muito interessante, relacionando algumas discussões apresentadas na película com conceitos como angústia, existência, fé e ética, só para citar alguns, que aproximam o filme de 1998 da atualidade brasileira e que facilmente interessariam ao processo de ensino e aprendizagem e na prática docente atual.

Sendo assim, o que temos nessa obra é um conjunto de textos, com as mais variadas linguagens e gêneros artísticos representados pela sétima arte, que tem um imenso potencial acadêmico para uso nas escolas, mas que também são pontapés para aqueles que pretendem se aventurar no universo da pesquisa científica, de como o cinema e o ensino podem confluir para reflexões, mas mais fortemente, para ações que visem a melhoria da educação oferecida em nosso país.

Referências

DI CAMARGO, I. J. **A memória de futuro em tela: diálogos entre o cinema e Bakhtin.** São Paulo: Mentis Abertas, 2020.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido.** São Paulo: Paz e Terra, 2011.

NAPOLITANO, M. **Como usar o cinema em sala de aula.** São Paulo: Contexto, 2006.

NIETZSCHE, F. **Além do Bem e do Mal.** São Paulo: Companhia das Bolso, 2008.

RIBEIRO, D. **O povo brasileiro – A formação e o sentido do Brasil.** São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

SILVA, R. P. **Cinema e educação.** São Paulo: Cortez, 2007.

Filmografia

CARMURU: a invenção do Brasil. Direção: Guel Arraes. Produção: Anna Barroso. Intérpretes: Selton Mello, Camila Pitanga, Deborah Secco, Tônico Pereira, Débora Bloch. Columbia Pictures do Brasil; Globo Filmes, 2001. 85 min., son., color., 35 mm.

CENTRAL do Brasil. Direção: Walter Salles Jr. Produção: Martire de Clemont-Tonnerre e Arthur Cohn. Intérpretes: Fernanda Montenegro, Marília Pera, Vinícius de Oliveira. Le Studio Canal, Riofilme, MACT Productions, 1998. 106 min., son., color., 35 mm.

UN Cuento Chino. Direção: Sebastián Borensztein. Produção: Aliwood Mediterráneo Producciones, Castafiores Films, Gloriamundi Gilms. Intérpretes: Ricardo Darín; Ignacio Huang, Carolina Hsu, 2011.93 min., son., color., 35 mm.